

INTRODUÇÃO

A distribuição e dispersão das espécies da Flora Amazônica vinham sendo objetivos de estudo de alguns botânicos, que relacionavam a morfologia do fruto com um possível tipo de dispersor. Desses importantes trabalhos, embora em número muito reduzido, podemos citar os de Huber (1910) e Ducke (1949).

Motivados pela escassez da literatura, como também pela grande interrogativa sobre dispersão de espécies em tipos ecológicos definidos, interessamo-nos em levantar hipóteses a fim de contribuir para o esclarecimento sobre a ocorrência de espécies na região, seu estabelecimento, grau de adaptabilidade, agentes dispersores específicos, transição, assim como seu equilíbrio ecológico.

Dentre os tipos de vegetação da Amazônia, escolhemos a "campina amazônica" por apresentar uma fisionomia contrastante dentro da hiléia amazônica, em forma de um arquipélago com ilhas abertas, limitado por uma vegetação característica chamada "campinarana", que, por sua vez, está circundada por uma vegetação de "mata de terra firme". Apesar de a campina não ter atualmente valor econômico, é muito importante do ponto de vista científico conhecer a sua origem e sua atual existência, por estar em função da influência de plantas típicas consistindo, portanto, num problema intrínseco. Esses estudos, portanto, podem extrapolar-se à outras áreas da Amazônia mais especificamente. A escolha da área para estes estudos recaiu sobre a campina do km 62 da estrada Manaus-Caracará (BR-174), Reserva Biológica do INPA-SUFRAMA, Lat. 2.° 30' 00", Long. 60.° 00' 00" W. e Alt. 44 M (Santos & Ribeiro, 1975).

A opção por esta área se deu devido à sua localização, ao seu fácil acesso e, também, por ser um local onde o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia tem desenvolvido projetos multidisciplinares.

Na área de estudo, segundo Falesi (1960), o solo é do tipo "regossol", o qual se caracteriza por ser profundo, muito friável, acentuadamente drenado e com seqüência de horizontes "A" e "C". Sua origem é uma conseqüência da evolução de sedimentos arenosos, provavelmente, pertencentes ao Pleistoceno e dotados de fertilidade aparentemente baixa.

Santos & Ribeiro (1975) dizem que o macroclima desta área possui variações anuais e definidas de temperatura do solo, ar e umidade relativa, que podem ser de importância para a ecofisiologia da vegetação, microfauna e microflora.

Estudos sobre vegetação de campina podem ser encontrados em Spruce (1908), Ducke & Black (1954), Pires (1957, 1973), Takeuchi (1960), Aubréville (1961), Rodrigues (1961), Anderson *et al.* (1975), Braga & Braga (1975), Lisboa (1975) e outros, todos preocupados em esclarecer o interessante problema de caracterização fitossociológica da "campina amazônica". No entanto, a complexidade do assunto envolve conhecimentos de dispersão, que é um dos fatores responsáveis pela distribuição dos vegetais no globo terrestre.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Dr. G. T. Prance pela orientação científica, ao Dr. William Antônio Rodrigues pela bibliografia cedida, orientação técnica e revisão do texto para publicação, à Dra. Marlene Freitas da Silva pelo auxílio na descrição dos frutos e leitura do texto, ao Sr. Antônio Faustino Neto pelo imenso auxílio prestado no campo, e a todos aqueles que de maneira direta ou indireta, tornaram possível a realização deste estudo.